



Diálogos

ISSN 2177-2940



É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v26i3.63373>

Henrique Modanez de Sant'Anna

 <https://orcid.org/0000-0002-7929-4720>

Universidade de Brasília (UnB). Brasília-DF, BR

E-mail: henriquemodanez@gmail.com

Is it possible to measure the influence of Aristotle on Alexander the Great? Ancient sources and modern historians between speculation and historical criticism

Abstract: This article seeks to examine ancient accounts about the interaction between Aristotle and Alexander. It moreover proffers an interpretation of their interaction by two historians who carried out an encomiastic analysis of the king's life: Robin Lane Fox (1973); and Peter Green (1991). To this end, this research is divided into three phases. First, it introduces its subject by taking into consideration some important premises regarding the data available about the life of the king and the philosopher. Second, it explores two of the most influent historiographical commentaries about them. Finally, this article analyzes Plutarch's account which was consulted by these historians.

Key words: Aristotle, Alexander, Ancient sources.

¿Es posible medir la influencia de Aristóteles en Alejandro Magno? Fuentes antiguas e historiadores modernos entre la especulación y la crítica histórica

Resumen: Este artículo examina relatos antiguos sobre la interacción entre Aristóteles y Alejandro, así como su interpretación por parte de dos historiadores dedicados al análisis de la vida del rey y que la tratan desde una perspectiva encomiástica: Robin Lane Fox (1973) y Peter Green (1991). Por lo tanto, esta investigación se divide en tres etapas. En primer lugar, se introduce el tema de investigación a partir de premisas importantes respecto a lo que se sabe de la vida tanto del filósofo como del rey. Luego explora dos de los comentarios historiográficos más influyentes sobre su interacción. Finalmente, se analiza el texto de Plutarco consultado por estos historiadores.

Palabras clave: Aristóteles, Alejandro, Fuentes antiguas.

É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

Resumo: Este artigo examina os relatos antigos sobre a interação entre Aristóteles e Alexandre que servem de base para a interpretação laudatória de dois historiadores dedicados à análise da vida do rei: Robin Lane Fox (1973) e Peter Green (1991). Para tanto, esta investigação está dividida em três etapas. Em primeiro, introduz-se o tema de pesquisa a partir de premissas importantes quanto ao que é sabido sobre a vida de ambos, filósofo e rei. Em seguida, explora-se dois dos mais influentes comentários historiográficos a respeito da interação deles. Finalmente, analisa-se o relato de Plutarco consultado por esses historiadores.

Palavras-chave: Aristóteles, Alexandre, Fontes antigas.

Recebido em: 26/04/2022
Aprovado em: 01/08/2022

Este artigo possui um objetivo definido: examinar a interpretação historiográfica da interação entre Aristóteles e Alexandre feita por Robin Lane Fox (1973) e Peter Green (1991), partindo do que se pode extrair dos relatos antigos acerca de ambos, filósofo e rei. Ênfase será dada às fontes sobre Alexandre utilizada por eles, de maneira que se possa orientar o debate historiográfico proposto a partir das fontes utilizadas nas obras em tela. Oriundos de uma mesma tradição acadêmica, embora distantes em quase vinte anos na publicação de suas obras, Lane Fox e Green perpetuam em décadas diferentes uma visão encomiástica inaugurada na academia britânica com a publicação da obra de William Tarn (1948). Esta, por sua vez, descende diretamente de estudos alemães dos finais do séc. XIX e início do séc. XX (como Berve [1926]), contemporâneos ou herdeiros diretos das observações de Hegel sobre Alexandre em suas palestras dedicadas à filosofia da história na Universidade de Berlim, entre 1822 e 1830.

A fim de cumprir o objetivo traçado neste artigo, busca-se brevemente situar e datar o papel de Aristóteles na vida de Alexandre, de modo que em seguida se possa tratar as passagens das obras historiográficas de Lane Fox e Green em que a interação entre ambos revela as visões dos dois historiadores anglófonos sobre o tema. Em uma miríade de biografias modernas de Alexandre, Lane Fox e Green destacam-se como historiadores reconhecidamente influentes no campo dos estudos helênicos, tendo suas obras inaugurado, respectivamente, um gênero romântico sobre Alexandre e consolidado esta longa tradição acadêmica. Por fim, procura-se dimensionar o alcance e os limites das informações presentes em relatos antigos sobre essa relação. A principal fonte analisada é Plutarco (*Vida de Alexandre*, doravante *Alex.*), em razão da natureza de seu relato biográfico e do seu uso nada arbitrário pelos historiadores supracitados. Para tanto, propõe-se iniciar com dois questionamentos básicos que devem estabelecer as premissas históricas e biográficas necessárias, uma sobre Alexandre, outra sobre Aristóteles.

O primeiro desses questionamentos iniciais diz respeito ao que sabemos da suposta moderação de Alexandre, atributo que convive de maneira paradoxal nos relatos antigos com sua pujança no comando militar. Por estar rodeado de estórias fantásticas e narrativas romanescas desde a Antiguidade, é fundamental evitar a aceitação irrefletida de qualquer fantasia historiográfica tardia (antiga ou moderna) sobre seus feitos, personalidade ou inclinação filosófica. Pouco se sabe, por exemplo, sobre sua personalidade ou juventude que não seja recheado de anedotas incríveis e estórias fantásticas. Veja-se, por exemplo, o que afirma Plutarco a respeito de seu aspecto e temperamento:

Apelles, however, in painting him as wielder of the thunderbolt, did not reproduce his complexion, but made it

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

too dark and swarthy. Whereas he was of a fair colour, as they say, and his fairness passed into ruddiness on his breast particularly, and in his face. Moreover, that a very pleasant odour exhaled from his skin and that there was a fragrance about his mouth and all his flesh, so that his garments were filled with it, this we have read in the Memoirs of Aristoxenus. Now, the cause of this, perhaps, was the temperament of his body, which was a very warm and fiery one; for fragrance is generated, as Theophrastus thinks, where moist humours are acted upon by heat. Wherefore the dry and parched regions of the world produce the most and best spices; for the sun draws away the moisture which, like material of corruption, abounds in vegetable bodies. And in Alexander's case, it was the heat of his body, as it would seem, which made him prone to drink, and choleric. (PLUTARCO, *Alex.* 4.2-4; tradução do grego feita por Perrin para a edição Loeb)

A isso acrescenta-se, ainda, já no capítulo quarto, sua incomum gravidade, altivez, moderação e autocontrole – uma forma retórica de contrapor esse Alexandre ao que em breve se revelará na expedição asiática:

But while he was still a boy his self-restraint showed itself in the fact that, although he was impetuous and violent in other matters, the pleasures of the body had little hold upon him, and he indulged in them with great moderation, while his ambition kept his spirit serious and lofty in advance of his years. (PLUTARCO, *Alex.* 4.4; tradução do grego feita por Perrin para a edição Loeb)

Dito isto, passa-se diretamente ao ponto: tamanha moderação é frequentemente aludida na historiografia como herança do período que passou com Aristóteles. Outrossim, analogamente ou complementarmente ao relato de Plutarco, a fabricação de Alexandre avança a passos largos na Antiguidade e especialmente na Idade Média (ocidente medieval, Impérios Bizantino e Sassânida juntos), porém com mais possibilidades de observação intersubjetiva por parte dos seus historiadores.

O lugar de Aristóteles na vida de Alexandre remonta, obviamente, à juventude do príncipe, antes da conquista macedônica do Império Persa. E ali deveria permanecer, a menos que se queira o seguinte: 1) conjecturar de que maneira as ações do rei revelariam ensinamentos do filósofo, por exemplo, como quer o biógrafo grego Plutarco em sua insistência na imitação de Aquiles por Alexandre, indício da cultura grega aprendida e do impacto da “edição do estojo” preparada pelo estagirita para seu pupilo (vide *infra*); 2) discutir cartas muito tardias e ficcionais supostamente trocadas entre eles na velhice de Aristóteles. Os dois caminhos são metodologicamente possíveis do ponto de vista de uma investigação histórica, mas demandam metodologia própria e extrapolam o escopo deste artigo. Tal metodologia própria seria necessária para que não se incorra em imprecisões, anacronismos ou absurdos. A primeira via de pesquisa possível, por exemplo, precisaria enfatizar a construção de Alexandre por Plutarco, considerando em conjunto tanto a dupla

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

de biografias comparadas (*Vidas de Alexandre [Alex.] e Júlio César*) quanto o tratado de retórica sobre a Sorte do rei atribuído a Plutarco. A segunda via de pesquisa, por sua vez, deveria partir do correto entendimento sobre o lugar histórico dessas cartas, que revelam mais sobre as angústias e questões do tempo em que foram fabricadas do que propriamente sobre Aristóteles e Alexandre.

Em Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, 5.1.27), por exemplo, há uma conhecida menção às cartas que Aristóteles teria endereçado a Alexandre, em quatro livros, e que foram alvo de muita imaginação posterior. Parte dessa imaginação é medieval, parte renascentista, e sempre com propósitos muito diversos. A título ilustrativo, pode-se destacar a carta ficcional escrita por Alexandre a Aristóteles, em que se destacam em estilo anacronicamente cesarista as qualidades militares do primeiro, a construção de sua figura exemplar e a relação íntima entre ele e seu tutor. Ela faz parte do chamado *Códice Nowell*, um manuscrito medieval do ano 1.000 que recebeu esse nome em homenagem ao antiquário (Laurence Nowell, séc. XVI) cujo nome está inscrito em sua primeira página. Vejamos como principia esta carta: “Sempre me recordo de você, mesmo em meio à terrível incerteza de nossas lutas, pois você, meu querido professor, é, ao lado de minha mãe e irmãs, meu amigo mais querido.” (tradução minha) Mais tarde, no séc. XVIII, um texto coletivo (*Meam Loez*) iniciado em 1730 e escrito em ladino (língua indo-europeia falada pela comunidade judaica de origem ibérica) defendia que Aristóteles, em uma carta a Alexandre (disponível no próprio documento), dizia-se certo de sua conversão ao judaísmo! Certamente a aclamada tolerância religiosa de Alexandre (que se traduzia, na verdade, em necessidade estratégica para dominação política) estava bastante distante de uma forjada conversão ao monoteísmo. Por fim, há até mesmo tradições que afirmam que Aristóteles nasceu judeu (cf. MELAMED, 2012). Trata-se, assim, do debate em torno do mito das origens judaicas da filosofia e da ciência no Renascimento. (cf. NATALI, 2013, p. 134 para uma discussão transversal sobre as supostas cartas trocadas entre Aristóteles e Alexandre).

O segundo questionamento a ser feito aqui diz respeito ao que sabemos e ignoramos da vida de Aristóteles e, especificamente, da interação deste com o então príncipe Alexandre. Destaca-se a seguir e de forma instrumentalizada à discussão, uma citação com omissões do breve resumo biográfico feito por Shields (2020) para a *Stanford Encyclopedia of Philosophy*:

Born in 384 B.C.E. in the Macedonian region of northeastern Greece in the small city of Stagira (whence the moniker ‘the Stagirite’, which one still occasionally encounters in Aristotelian scholarship), Aristotle was sent to Athens at about the age of seventeen to study in Plato’s Academy, then a pre-eminent place of learning in the Greek world. Once in Athens, Aristotle remained associated with the Academy until Plato’s death in 347, at which time he left for Assos, in Asia Minor, on the northwest coast of present-day Turkey. There he continued the philosophical activity he had begun in the Academy, but in all likelihood also began to expand

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

his researches into marine biology. He remained at Assos for approximately three years, when, evidently upon the death of his host Hermeias, a friend and former Academic who had been the ruler of Assos, Aristotle moved to the nearby coastal island of Lesbos. There he continued his philosophical and empirical researches for an additional two years, working in conjunction with Theophrastus, a native of Lesbos who was also reported in antiquity to have been associated with Plato's Academy. While in Lesbos, Aristotle married Pythias, the niece of Hermeias, with whom he had a daughter, also named Pythias. In 343, upon the request of Philip, the king of Macedon, Aristotle left Lesbos for Pella, the Macedonian capital, in order to tutor the king's thirteen-year-old son, Alexander—the boy who was eventually to become Alexander the Great. He evidently remained a further five years in Stagira or Macedon before returning to Athens for the second and final time, in 335. In Athens, Aristotle set up his own school in a public exercise area dedicated to the god Apollo Lykeios, whence its name, the Lyceum. Those affiliated with Aristotle's school later came to be called Peripatetics, probably because of the existence of an ambulatory (*peripatos*) on the school's property adjacent to the exercise ground. Members of the Lyceum conducted research into a wide range of subjects, all of which were of interest to Aristotle himself: botany, biology, logic, music, mathematics, astronomy, medicine, cosmology, physics, the history of philosophy, metaphysics, psychology, ethics, theology, rhetoric, political history, government and political theory, rhetoric, and the arts. In all these areas, the Lyceum collected manuscripts, thereby, according to some ancient accounts, assembling the first great library of antiquity. [...] After thirteen years in Athens, Aristotle once again found cause to retire from the city, in 323. Probably his departure was occasioned by a resurgence of the always-simmering anti-Macedonian sentiment in Athens, which was free to come to the boil after Alexander succumbed to disease in Babylon during that same year. Because of his connections to Macedon, Aristotle reasonably feared for his safety and left Athens, remarking, as an oft-repeated ancient tale would tell it, that he saw no reason to permit Athens to sin twice against philosophy. He withdrew directly to Chalcis, on Euboea, an island off the Attic coast, and died there of natural causes the following year, in 322. (SHIELDS, 2020)

Ainda segundo Shields, conjectura-se que Aristóteles tenha servido como tutor de Alexandre por dois, três ou até oito anos. Fator complicador dessa conjectura é uma estranha e incerta citação de Justino (*Epítome de Pompeu Trogo*, 12.16), autor de um Epítome de Pompeu Trogo provavelmente no séc. II ou III d.C., que registra que, quando sua infância acabou, Alexandre se aperfeiçoou, por cinco anos, com seu renomado tutor Aristóteles: *Exacta pueritia per quinquennium sub Aristotele doctore, inclito omnium philosophorum, creuit*. A expressão latina *per quinquennium sub Aristotele doctore* parece não deixar dúvida, mas Justino escreveu muito depois dos eventos que narrou. Entre os estudiosos mais comedidos, e que não estenderiam o contato dos dois por cinco anos, agarra-se ao fato de que entre 15 e 16 anos Alexandre começou a atuar como comandante militar de parte das tropas macedônicas sob Filipe II, fato histórico consensual. Na batalha de Queroneia (338 a.C.), por exemplo, que terminou com esmagadora vitória macedônica, Alexandre teve papel crucial como comandante de parte das tropas. Não poderia, portanto, ter tido seu contato com Aristóteles se prolongado mais do que isso, o que soa razoável. Entre os menos

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

comedidos, prende-se à estranha lacuna na vida de Aristóteles entre os anos de 341 e 335 a.C.. Estaria Aristóteles ainda na Macedônia ou simplesmente não sabemos? Teria se tornado ele um simples particular? Trocaram cartas nesse período? Continuaram a fazer isso depois? Difícil responder com precisão a qualquer uma dessas perguntas, especialmente quando se considera o estado das fontes antigas. Com comedimento ou não, configura-se uma zona altamente especulativa no que diz respeito à datação mais precisa, pelo que se deve olhar com cautela o que se pode ou não extrair das fontes sobre Alexandre e de que maneira os historiadores selecionados neste artigo continuam a perpetuar a visão encomiástica inaugurada no Reino Unido nos anos 1940.

A interação entre Aristóteles e Alexandre na literatura secundária sobre o rei: fontes antigas e crítica histórica

Em um dos mais completos estudos sobre a vida de Aristóteles, no qual baseou-se, por exemplo, o autor da entrada da Enciclopédia Stanford destacada anteriormente, Carlo Natali (2013, p. 3) afirma que a investigação biográfica de filósofos antigos, particularmente Aristóteles, encontra um fim específico: o valor paradigmático de sua experiência intelectual. Ao tratar de Aristóteles, são adotadas as datas de 343-340 a.C. como certas para o tempo em que o estagirita foi tutor de Alexandre, passando o primeiro ao status de simples particular após 340 a.C. Ao mesmo tempo em que informações como esta são dadas sem embaraço, Natali se mostra bastante crítico ao conteúdo das fontes antigas quanto ao que possivelmente fora ensinado por Aristóteles ao jovem príncipe. Além de Plutarco, são apresentadas diversas outras fontes e seus limites, fora do escopo deste artigo, a exemplo de Quintiliano (séc. I d.C.), Dião Crisóstomo (sécs. I-II d.C.), Justino (séc. II d.C.) e as chamadas biografias neoplatônicas (*testimonia* 25a-h). Sobre elas, registra o seguinte:

The information given us by these sources is largely the product of fantasy, but the encounter between the two of them must have actually taken place, even though several ancient sources that speak of Alexander make no mention of his relationship with Aristotle. (NATALI, 2013, p. 43)

No caso específico da última oração supracitada, são mencionados, além de Plutarco, a seguinte dupla de historiadores do século IV a.C., cujos textos nos chegaram somente em fragmentos: Onesícrito (FGrHist 134 F 1) e Marsias de Pella (FGrHist 135 T 1). O primeiro, explica Natali, era um filósofo cínico que atribuía a Alexandre a filosofia de Antístenes; o segundo, um nobre macedônio. De maneira geral, são fontes que, embora apresentem informações escassas sobre o tema da interação entre Aristóteles e Alexandre, ecoam tardiamente na imaginação helenístico-romana sobre personagens de outro tempo, especialmente reis famosos como Alexandre. Com

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

efeito, há um intrigante processo helenístico-romano, romano-bizantino e depois propriamente medieval de emulação político-militar¹ e de fabricação de Alexandre como rei-filósofo e grande conquistador, modelo de educação enquanto príncipe macedônio e encarnação do mais sofisticado gênio militar após iniciada a anexação do Império Persa. Por exemplo, destaca-se na Idade Média um provérbio grego que principia com uma fórmula sobre o paradeiro do rei morto (literalmente, “Onde está Alexandre?”) e que é concluído com uma resposta épica bastante sonora e quase fantasmagórica: “o Grande Alexandre vive e reina.” (GREEN, 2013, epígrafe) Embora tardio, tal provérbio remonta à tradição que toma forma já no principado romano.

Ainda sobre as fontes antigas, em um dos fragmentos (fr. 2 Chiesara; cf. Natali, 2013, pp. 43-44) de Arístocles (séc. I d.C.) são mencionados *logoi* de Aristóteles. Definir precisamente o que são esses *logoi* não é tarefa fácil; traduzi-los, algo à beira do impossível. Natali corretamente hesita em classificá-los como tratados ou mesmo em identifica-los como sendo os famosos *exoterikoi logoi*². Tomado pela incerteza sobre o que Aristóteles poderia ter ensinado a Alexandre, Natali mapeia a questão entre os historiadores modernos da seguinte maneira:

Their opinions more or less reduce to three: (A) Aristotle taught Alexander his entire system, including metaphysics, ethics, and politics; (B) Aristotle taught Alexander traditional Greek culture, including epic poets and tragedians (despite the low esteem in which these authors were held in the academy); (C) Aristotle taught Alexander dialectic. (NATALI, 2013, p. 44)

Nos dois primeiros grupos (os que mais interessam a esta pesquisa), são mencionados nominalmente os seguintes historiadores: Waddington (1893) e Radet (1931) para o primeiro grupo, e Berve (1926), Kaerst (1927) e Tarn (1948) para o segundo. Segundo Natali, apenas os dois primeiros defendem o posicionamento de Plutarco, isto é, que Aristóteles ensinou a Alexandre todo o seu sistema (metafísica, ética e política). Alexandre seria, por excelência, um rei-filósofo. Quanto ao segundo grupo, Natali argumenta o seguinte:

This opinion is based on a report from Plutarch, according to which Aristotle made for Alexander an edition of the Iliad, known as “the Iliad of the Casket” because it was portable (*Life of Alexander* 8), a report adopted by Onesicritus (FGrHist 134F38) and by the Neoplatonic biographers (see *Vita Marciana* 4). This is the most common version among the moderns, and it is supported, [...] among scholars of Alexander the Great, by Berve, Kaerst, Tarn, and many others. (NATALI, 2013, p. 164; com omissões)

1 Sistemáticamente analizado, por exemplo, com relação à Antiguidade e nas fontes numismáticas, por Andrew Stewart (1994). Tal processo está igualmente documentado na Antiguidade Tardia e na Idade Média, entre outras fontes, nos panegíricos romano-bizantinos e bizantinos que tomam Alexandre como parte exemplar em um modelo retórico de inspiração grega. Sobre o assunto, a melhor referência é Kaldellis (2019).

2 Sobre o significado do termo, ver Bos (1989, p. 122-123).

De acordo com este posicionamento, Aristóteles estaria mais próximo de um tutor comumente empregado para a educação monárquica na Antiguidade; sua função seria prioritariamente o ensino de uma espécie de cultura geral grega, frequentemente traduzida do original παιδεία, passando pelos clássicos de Homero e por rudimentos necessários para o exercício do poder político na Macedônia. Nenhum dos dois historiadores selecionados neste artigo, e que possuem grande impacto na produção acadêmica sobre Alexandre desde a década de 1970, é citado. Na verdade, a produção historiográfica brevemente apresentada por Natali primeiro em 1990, em sua obra intitulada *Bios Theoretikos: la vita di Aristotele e l'organizzazione della sua scuola* (traduzida e revisada para o inglês, e publicada pela Editora da Universidade Princeton em 2013), se encerra na década de 1940.

Nos três casos organizados por Natali, informações conflitantes em fontes antigas precisam ser acomodadas a fim de comunicarem qualquer certeza acadêmica. Ainda assim, tal certeza está sempre assombrada por especulações ou superinterpretações dos relatos antigos. Com efeito, como conclui Natali, “no hypothesis is really entirely demonstrable, and we must come to a halt in the face of conjectures.” (Natali, 2013, p. 44) Afinal, não há dissenso na comunidade acadêmica quanto ao fato de que todo conhecimento altamente especulativo deve ser categoricamente rejeitado. A partir dessa constatação, então, este artigo passa a se concentrar em dois dos estudos modernos sobre Alexandre mais lidos e conhecidos, de autoria de Robin Lane Fox e Peter Green, a partir da análise dos relatos antigos consultados por eles. Espera-se, com isso, identificar a dependência nada arbitrária e o uso pouco refletido de fontes sobre Alexandre, especialmente Plutarco, que viabilizam essa persistente interpretação na historiografia moderna.

Começemos com a monumental e romântica biografia histórica escrita por Robin Lane Fox, *Emeritus Fellow* do *New College*, na Universidade de Oxford, e Leitor em História Antiga na mesma universidade. Já na primeira menção ao que fontes tardias, não acidentalmente medievais, registram sobre o conteúdo ensinado, destaca-se o seguinte:

He [Aristóteles] taught him writing, Greek, Hebrew, Babylonian and Latin. He taught him the nature of the sea “and the winds; he explained the course of the stars, the revolutions of the firmament and the life-span of the world. He showed him justice and rhetoric: he warned him against the looser sorts of women.’ That, however, is only the opinion of a medieval French poet, for in his surviving works, Aristotle never mentions Alexander nor alludes directly to his stay in Macedonia. (LANE FOX, 2004, p. 100)

Sem se posicionar claramente diante da citação da fonte medieval escolhida, à qual aparentemente planeja se contrapor ou de cujo conteúdo duvidoso pretende se inocentar em

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

estratégia retórica, Lane Fox rapidamente abandona sua tentada neutralidade e inicia uma enxurrada de superinterpretações ou descuradas extrapolações: “‘In Aristotle’s opinion,’ said the most reliable of his biographers, ‘the wise man should fall in love, take part in politics and live with a king.’ The remark, if authentic,” conclui, “suggests that the Macedonian visit should have made a happy memory.” Com efeito, o convívio do príncipe e do filósofo é para ele digno de nota, tendo sido narrado com um elogio nada comedido a ambos: “The contact between Greece’s greatest brain and her greatest conqueror is irresistible, and their mutual influence has occupied the imagination ever since.” (LANE FOX, 2004, p. 102)

Propondo um cruzamento de evidências indiretas, Lane Fox extrapola a natureza especulativa das fontes e constrói um relato fantástico:

Medicine, animals, the lie of the land and the shape of the seas; these were interests which Aristotle could communicate and Philip had already instanced, and each was a part of adult Alexander. He prescribed cures for snakebite to his friends, he suggested that a new strain of cattle should be shipped from India to Macedonia: he shared his father’s interest in drainage and irrigation and the reclaiming of waste land; his surveyors paced out the roads in Asia, and his fleet was detailed to explore the Caspian Sea and the Indian ocean; his treasurer experimented with European plants in a Babylonian garden, and thanks to the expedition’s findings, Aristotle’s most intelligent pupil could include the banyan, the cinnamon and a bush of myrrh in books which mark the beginnings of botany. Alexander was more than a man of ambition and toughness; he had the wide armoury of interests of a man of curiosity, and in the days at Mieza there had been matter enough to arouse them. ‘The only philosopher’, a friend referred to him politely, ‘whom I have ever seen in arms. (LANE FOX, 2004, pp. 104-105)

Associar áreas sobre as quais Aristóteles demonstrou interesse com possíveis ações de Alexandre, questionáveis já pelo simples fato de que precisam ser compreendidas no tardio contexto histórico e literário em que foram narradas, é uma estratégia brilhante e recorrente, embora tenha como resultado um produto altamente especulativo. O que mantém comparação tão criativa, viva é tão somente o desejo do historiador de dar credibilidade à especulação proposta. A alusão ao rei-filósofo, curioso e audaz em seus interesses e escolhas pouco convencionais, é algo que só faz sentido na apresentação narrativa das fontes (tardias, cumpre reiterar) que o querem como modelo para os homens de seu próprio tempo. O retrato de uma espécie de *Alexander ex machina* (aquele que, como o *deus ex machina* do teatro antigo, tira embarços na trama encenada) é um lugar-comum nas fontes antigas sobre ele, e a seleção de informações favoráveis à imagem de rei-filósofo nessas fontes de modo a compor um falso bloco de anedotas objetivas constitui um erro na escrita da história. A simples opinião de um poeta francês medieval citada por Lane Fox antes de escancarar sua posição, na verdade, é precisamente a imagem à qual ele procura dar vida em sua

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

própria leitura de Alexandre. Não há, portanto, crítica historiográfica suficiente para uma leitura menos encomiástica do seu personagem de ouro. Ao contrário, sugere-se um volume assombroso de conhecimento ensinado por Aristóteles que coincide ou até mesmo ultrapassa o documentado por Plutarco. Lane Fox ocupa, assim, mais de vinte anos após a publicação da obra de Tarn, um assento especial no primeiro grupo de historiadores modernos de Natali (“Aristóteles ensinou a Alexandre todo o seu sistema, incluindo metafísica, ética e política”).

Cerca de vinte anos após Lane Fox, a Editora da Universidade da Califórnia publica outra monumental biografia histórica de Alexandre, dessa vez de autoria de Peter Green. Um dos mais renomados e intrigantes classicistas de seu tempo, Green obteve seu doutoramento na Universidade de Cambridge em 1954, após anos de serviço militar nas forças armadas britânicas, ao que se seguiu uma carreira como crítico literário e de cinema, comentarista de TV e tradutor de obras de literatura. Nesse momento, passou a viver na Grécia (mais precisamente em Lesbos), onde ministrou aulas de literatura grega e latina, bem como história antiga no *College Year*, em Atenas, até imigrar para os Estados Unidos em 1971. Lá, fez longa carreira como professor na Universidade do Texas até sua aposentadoria, 26 anos mais tarde. Aposentado, é hoje professor adjunto na Universidade de Iowa, de onde edita o periódico *Syllecta Classica*. (síntese tal qual em GREEN, 2013, p. xi-xii)

Em sua biografia de Alexandre, visão igualmente encomiástica e problemática sobre a interação do rei com Aristóteles é identificada:

Aristotle taught his pupil to regard as beneath contempt. Such a doctrine must have had a strong appeal for Alexander, who always placed a premium on self-control and self-denial (at least during the earlier stages of his career), and whose enthusiastic, impressionable nature reveals a strong hero-worshipping streak. (It made no odds to him whether his hero was mythical or contemporary: he may have modelled himself on Achilles, but he was equally ready to adopt the quick-stepping gait of his old tutor Leonidas.) The Alexander who ate so sparingly, who gave away the spoils of war with such contemptuous generosity, keeping little for himself, and who said he was never more conscious of his own mortality than ‘during the time he lay with a woman or slept – this, surely, was a man whose debt to Aristotle’s teaching and influence was fundamental. For good or ill, the years at Mieza left a permanent mark on him. (GREEN, 2013, p. 60)

Alexandre é mais uma vez transformado em uma espécie de rei-filósofo, comedido e contemplativo (“[he] always placed a premium on self-control and self-denial”, “at least during the earlier stages of his career”), além de apresentar natureza entusiástica e emotiva. Afinal, comia com moderação e, como se não bastasse, deu os espólios de guerra em altiva generosidade (ação contrária à esperada de conquistadores egoístas). Para Green, essas ações são evidências claras da influência de Aristóteles em sua personalidade (literalmente, “the years at Mieza left a permanent

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

mark on him”). O temperamento de Alexandre a que alude, na Antiguidade, Plutarco (cálido e ardente, propenso à bebida e à cólera) (vide supra), somente encontra espaço para suprimir os ensinamentos de Aristóteles na fase mais tardia de sua vida, quando o rei se tornara vítima, refém ou aliado da solidão do poder supremo.

Ademais, como Lane Fox, Green defende que os interesses de Alexandre se estendiam até as ciências médicas e biológicas. Para tanto, toma como suficientes duas áreas de interesse de Aristóteles e informações tardias encontradas em Plutarco, tratadas com descuidado grau de objetividade:

Alexander developed a strong interest in medicine and biology - two more of Aristotle's own favourite subjects. Throughout his life he was, Plutarch says, ‘not only fond of the theory of medicine, but actually came to the aid of his friends when they were sick, and prescribed for them certain treatments and regimens’. Perhaps what benefited him most in this scientific training was the observant flexibility of mind it produced, the ability to deal with any problem as it arose, on its own merits and without preconceptions. Here, indeed, we touch on his most characteristic quality as a field-commander. (GREEN, 2013, p. 61)

Nesse caso, Alexandre teria tido o que se classificou como “treinamento científico”. Tal treinamento, segundo Green, fez com que demonstrasse uma qualidade admirável e rara, uma espécie de atenta flexibilidade de pensamento. Graças a ela, manifestara também habilidade para lidar com problemas no momento do seu surgimento, algo situado entre a presteza e a diligência, sem preconceitos e a partir dos seus próprios méritos. O Alexandre de Green ganha terreno não apenas como rei-filósofo, mas também como general decidido e justo.

A última das suas observações diz respeito às letras, a partir do que anteriormente Platão recomendara para os jovens gregos: Alexandre discutira extensivamente poesia, especialmente Homero, tendo demonstrado grande entusiasmo pela *Ilíada*. (Green, 2013, p. 61) É importante recordar que, em se tratando do suposto impacto do poema na vida do rei, permanece no horizonte o que foi recentemente classificado na historiografia como verdadeiro processo de fabricação de Alexandre. Sobre esta questão em específico, argumenta Sant’Anna, “as supostas anotações de Aristóteles na *Ilíada* de Alexandre soam uma espécie de reconhecimento apócrifo da magnitude heroica a que estava destinado o príncipe” (SANT’ANNA, 2021, p. 50-51). Tal percepção (Alexandre como homem de letras) ecoa também na obra de Green, somada aos ensinamentos retóricos:

He read and discussed poetry, above all Homer: we have already seen how great an enthusiasm he had for the *Iliad*. He was given a grounding in geometry, astronomy, and rhetoric – particularly in that branch of rhetoric known as *eristics*, which meant arguing a point from either side with equal facility. Alexander developed a great taste for *eristics*: this was one sphere in which Aristotle’s training had disastrous consequences later, and

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

it is not hard to see why. To ordinary unsophisticated Macedonians, 'a man ready to speak pro and con was clearly a false person who proved that he was a good liar'. (Green, 2013, p. 61)

Tanto Green quanto Lane Fox, em décadas diferentes, tratam Alexandre de maneira frequentemente encomiástica, e entendem a relação entre ele e seu tutor como a ocasião em que o melhor do conhecimento grego encontra seu receptáculo mais audacioso e capaz. Aristóteles concebera o que de mais valioso a filosofia antiga proporcionara; Alexandre executara seus planos inspirado pela moderação e guiado pelos altos conhecimentos ensinados pelo seu mestre, ao menos até conhecer a solidão causada pelo poder supremo após a conquista do Império Persa. Trata-se de uma visão romântica cunhada no seio da historiografia anglófona por dois dos seus maiores expoentes, dado o alto grau de erudição das obras em questão e, ao mesmo tempo, sua narrativa acessível e envolvente. A partir deste ponto, então, cumpre a análise dos relatos antigos que os forneceram os dados mais favoráveis à sua percepção encomiástica de Alexandre, com ênfase na terminologia grega empregada por Plutarco, de modo a contrastar o que se lê nas fontes antigas com o que foi argumentado por esses dois historiadores acerca da interação entre o macedônio e o estagirita.

Das fontes antigas sobre Alexandre que tratam dessa interação, ou tão somente fazem alusão a Aristóteles de uma perspectiva historiográfica, encontramos uma situação bastante heterogênea e que não é perpetuada necessariamente na produção moderna escolhida para esta investigação. Os principais historiadores de Alexandre na Antiguidade são: Diodoro Sículo (c. 80-20 a.C.), Quinto Cúrcio (provavelmente séc. I d.C.), Arriano (sécs. I-II d.C.), Plutarco (c. 45-120 d.C.) e Justino (provavelmente séc. II ou III d.C.). Destes autores tardios, apenas Quinto Cúrcio e Justino escreveram em latim, sendo que não há no primeiro, informações sobre Aristóteles dado o estado de preservação da obra (os dois primeiros livros não nos chegaram, sendo o restante oriundo de 123 códices derivados de um original datado do séc. IX). Quanto aos demais, o historiador Diodoro Sículo registra tão somente três ocorrências sobre Aristóteles em sua *Biblioteca Histórica*; Arriano, apenas uma.

A primeira referência a Aristóteles em Diodoro Sículo é bastante genérica, está situada no início do seu livro 12 e trata de eventos ligados ao imperialismo ateniense:

In these years, for example, plenty brought increase to the arts, and the greatest artists of whom we have record, including the sculptor Pheidias, flourished at that time; and there was likewise great advance in education, and philosophy and oratory had a high place of honour among all Greeks, and especially the Athenians. For the philosophers were Socrates and Plato and Aristotle, and the orators were Pericles and Isocrates and his pupils; and there were likewise men who have become renowned for generalship, Miltiades,

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

Themistocles, Aristeides, Cimon, Myronides, and others more than these, regarding whom it would be a long task to write. First place belonged to the Athenians, who had advanced so far in both fame and prowess that their name was known throughout practically the entire inhabited world; for they increased their leadership to such a degree that, by their own resources and without the aid of Lacedaemonians or Peloponnesians, they overcame great Persian armaments both on land and on sea, and humbled the famed leadership of the Persians to such an extent that they forced them by the terms of a treaty to liberate all the cities of Asia. (Diodoro Sículo, 12.1-2; tradução do grego feita por Oldfather para a edição Loeb)

Em seguida, já no livro 15, que trata dos eventos obscuros entre a chamada Paz do Rei, concluída em 387/6 a.C., e a batalha de Mantinea, em 362 a.C., o seguinte é documentado:

While these things were going on, the Coans transferred their abode to the city they now inhabit and made it a notable place; for a large population was gathered into it, and costly walls and a considerable harbour were constructed. From this time on its public revenues and private wealth constantly increased, so much so that it became in a word a rival of the leading cities of Greece. While these things were going on, the Persian King sent envoys and succeeded in persuading the Greeks to settle their wars and make a general peace with one another. [...] In this period there were men memorable for their culture, Isocrates the orator and those who became his pupils, Aristotle the philosopher, and besides these Anaximenes of Lampsacus, Plato of Athens, the last of the Pythagorean philosopher, and Xenophon who composed his histories in extreme old age, for he mentions the death of Epameinondas which occurred a few years later. (Diodoro Sículo, 15.76; tradução do grego feita por Sherman para a edição Loeb)

E é tudo que há em Diodoro Sículo sobre Aristóteles. Nada muito promissor, mas fundamental de se registrar por ser ele uma das principais fontes sobre Alexandre e pelo fato de que as duas passagens mencionam Aristóteles. Pode-se, assim, excluir o historiador siciliano da lista de fontes antigas (mesmo as não diretamente citadas) que possibilitaram a análise abrangente e rica em detalhes biográficos de Lane Fox e Green.

Em espírito diferente, já no século II d.C., Arriano registra em sua *Anábase* tão somente uma única ocorrência sobre Aristóteles e seu pupilo. Eis o que está documentado nela:

I am aware, of course, that there are many other versions recorded of Alexander's death; for instance, that Antipater sent him a drug, of which he died, and that it was made up for Antipater by Aristotle, as he had already come to fear Alexander on account of Calisthenes' death, and brought by Cassander, Antipater's son. (Arriano, *Anábase* 7.27; tradução do grego feita por Robson para a edição Loeb).

Aqui encontra-se um Aristóteles diferente daquele retratado nas polêmicas cartas (vide supra), o amigo mais querido de Alexandre, mas absolutamente nada sobre o impacto do filósofo na formação do príncipe. Ademais, por mais tentador que o relato de Arriano soe com relação à

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

suposta conspiração anunciada, cabem as cautelosas palavras de Brunt (tradutor de Arriano para a Loeb) na mesma passagem, após o estudo de Merkelbach (meados do séc. XX): “Sem a autópsia científica, o envenenamento poderia ser livremente alegado para explicar uma morte súbita, não podendo ser nem provado, nem contestado. Especulações modernas sobre a *causa mortis* são vãs”, embora, deve-se acrescentar, proporcionem a proliferação de pesquisas sobre a polêmica historiográfica a esse respeito.

Para o nosso propósito, então, esta passagem de Arriano esclarece pouco e diz respeito aos receios tardios de Aristóteles, possivelmente em razão da morte de seu sobrinho e também historiador da campanha de Alexandre, Calístenes, como consequência do julgamento do rei sobre uma conspiração contra ele. Ainda assim, feita esta ressalva, a passagem falha em explicar por que ele, após supostamente ter participado ativamente na morte de Alexandre, temera os sentimentos antimacedônicos em Atenas após 323 a.C.

Dos relatos antigos, a que mais serviu aos estudos históricos modernos em tela foi a biografia escrita por Plutarco no séc. II d.C., provavelmente pela natureza da obra, que abunda em informações sobre a personalidade e as ações individuais do rei como conclusivas em muitos embaraços no decorrer da expedição asiática *and beyond*. Das 7 ocorrências encontradas em sua *Vida de Alexandre*, cumpre neste artigo a análise minuciosa (por isso a versão portuguesa) das duas mais informativas, a saber, os capítulos sétimo e oitavo. Ambos estão parcialmente citados nessa mesma ordem a seguir antes de sua devida exegese:

Uma vez que Filipe constatou que a natureza de seu filho era inflexível e avessa à coação, mas se deixava levar ao cumprimento do dever pelo raciocínio, tentou persuadi-lo em vez de comandá-lo; e como não confiaria totalmente a direção e o treinamento do menino a professores comuns de poesia lírica e estudos gerais, sentindo que era uma questão de grande importância [...], mandou vir o mais ilustre e culto dos filósofos, Aristóteles, a quem pagou nobre e apropriado honorário. A cidade de Estagira, da qual Aristóteles era nativo e que ele próprio [Filipe] destruíra, repovoou novamente e readmitiu cidadãos que estavam no exílio ou caídos em escravidão. Reservou ao mestre e ao aluno, para que pudessem trabalhar e estudar, o recinto das ninfas perto de Mieza, onde ainda hoje o visitante vê os bancos de pedra e as alamedas de Aristóteles. Alexandre, ao que parece, não só aprendeu de seu mestre suas doutrinas éticas e políticas, mas também teve acesso às lições secretas e mais profundas que os filósofos designam com a terminologia especial de ‘acroamáticas’ e ‘epópticas’, que não são transmitidas para quaisquer pessoas. De fato, quando Alexandre já se encontrava na Ásia e soube que certos tratados sobre esses assuntos secretos haviam sido publicados em livros de Aristóteles, escreveu-lhe uma carta em nome da filosofia em linguagem franca. [...] Para se defender, Aristóteles encoraja a ambição de Alexandre, dizendo que as doutrinas de que ele falava tinham e não tinham sido publicadas; pois seu tratado de metafísica não apresenta utilidade para quem deseja ensinar ou aprender: trata-se de notas para aqueles já completamente formados. (Plut. *Alex.* 7, com omissões; versão em português feita por mim a partir

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

da edição Loeb e cotejando, sobretudo, a tradução de Gilson César Cardoso publicada pela Paumape) Tenho para mim que o gosto de Alexandre para a medicina veio-lhe especialmente de Aristóteles. Pois ele não apenas gostava da teoria da medicina, mas assistia seus amigos quando estavam doentes e receitava-lhes certos tratamentos e regimes, como se depreende de suas cartas. Tinha também uma vocação inata para a leitura e para o conhecimento. Considerava a *Íliada* um viático para a arte militar, e assim a chamava; levava sempre consigo a recensão de Aristóteles sobre o poema, chamada de “edição do estojo”, mantendo-a sob o travesseiro, ao lado da adaga, como Onesícrito nos informa; [...] No início admirava Aristóteles, e o amava, como ele mesmo dizia, mais do que a seu pai, porque um lhe dera a vida, mas o outro lhe ensinara a viver. (Plut. *Alex.* 8, com omissões; versão em português feita por mim a partir da edição Loeb e cotejando, sobretudo, a tradução de Gilson César Cardoso publicada pela Paumape)

Na primeira passagem, Filipe é representado insatisfeito com os professores comuns de poesia lírica e estudos gerais disponíveis na Macedônia e na Grécia, a quem, literalmente, “não confiaria totalmente a direção e o treinamento do menino”. O grego lê-se da seguinte forma: *περὶ μουσικὴν καὶ τὰ ἐγκύκλια παιδευταῖς*. *Μουσική* designa qualquer uma das artes das Musas, especialmente música e poesia lírica; *ἐγκύκλιος παιδεία* alude à educação geral, completa em sentido mais genérico. No passo supracitado, dificilmente esses termos indicariam algo como metafísica ou lições secretas de qualquer tipo. Mais adiante, no entanto, Plutarco afirma que “Alexandre, ao que parece, não aprendeu de seu mestre apenas suas doutrinas éticas e políticas, mas também teve acesso às lições secretas e profundas”: *καὶ τῶν ἀπορρήτων καὶ βαθυτέρων διδασκαλιῶν*. Eis o que não se pode deixar de notar: no texto grego, *ἔοικε*, que precede o que lhe teria sido ensinado, se refere “ao que parece ser, ao que soa provável”. Revela, assim, um mecanismo de defesa contra leitores incrédulos ou mais provavelmente a incerteza de Plutarco, que nesse passo não menciona uma fonte sequer, sendo ele mesmo uma fonte secundária. Ademais, a passagem é concluída com uma alusão às cartas que foram alvo (se de fato existiram) de grande imaginação ao longo da história ou que ele (assumindo aqui agudo otimismo em sua defesa) acessou tão somente em segunda mão. Afinal, uma vez mais nenhuma fonte é citada. Há, ainda, que se ter no horizonte a construção narrativa do rei-filósofo, com preocupações metafísicas, o que dificilmente era o caso de Alexandre por todo o resto que sabemos de sua trajetória político-militar. No capítulo seguinte de Plutarco, a paixão pelo conhecimento que ele quer tanto atribuir a Alexandre se torna ainda mais evidente. Por fim, não há qualquer outro indício em nenhuma fonte antiga sobre Alexandre que trate de lições secretas e profundas ensinadas a ele, ou mesmo com relação às doutrinas éticas e políticas. Isto é verdade também pelo que se pode extrair dos seus muitos e tardiamente inventados discursos quase romanos (a *Anábase* de Arriano, não por acaso, multiplicou-os) às tropas ou aos amigos da corte, gregos ou macedônios indistintamente.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

Quanto ao capítulo oitavo da biografia escrita por Plutarco, destaca-se que Alexandre “levava sempre consigo a recensão de Aristóteles sobre o poema, chamada de ‘edição do estojo’, mantendo-a sob o travesseiro, ao lado da adaga, como Onesícrito nos registra”: ὡς Ὀνησίκριτος ἰστόρηκε. Como há aqui a citação direta a uma fonte do séc. IV, de cujo relato Plutarco certamente lançou mão, cumpre enfatizar que Onesícrito, além de um filósofo cínico, era também o comandante dos timoneiros macedônios e conhecia pessoalmente Alexandre. No entanto, conforme argumentado no verbete “Onesícrito” do *Oxford Classical Dictionary*, em algum momento após 325 a.C., o chefe dos timoneiros escreveu um relato encomiástico, quase ficcional de Alexandre, supostamente inspirado na Ciropédia de Xenofonte, ela mesma uma biografia parcialmente ficcional de Ciro, o Grande. De modo geral, havia na obra, pelo que se supõe, informações abundantes sobre a Índia, particularmente sobre a filosofia dos brâmanes (membros da casta sacerdotal da sociedade hinduísta) e sobre um reino descrito como uma utopia igualitária.

Esta passagem de Plutarco sugere uma proximidade de Alexandre com os poemas homéricos, parte da anteriormente citada ἐγκύκλιος παιδεία. Daí em diante, o trecho volta a revelar mais o que queria Plutarco do que o que ele podia verdadeiramente extrair de suas fontes: a procura e a leitura das tragédias (Sófocles incluído, autor bastante citado por Plutarco em suas obras) e de dítirambos (cantos corais apaixonados dos gregos) dizem respeito mais ao biógrafo do que ao seu biografado. O mesmo vale para a descrição dos sentimentos mais nobres por Aristóteles (declarava Alexandre que o amava mais do que a seu pai).

De todas as passagens das fontes antigas discutidas aqui, as mais informativas, controversas e ricas em imaginação são as de Plutarco, franco admirador de Alexandre, apaixonado por filosofia e professor da matéria em Roma. Tal situação explica porque narrativas historiográficas centradas em figuras políticas tendem ainda hoje, especialmente na parcela da academia anglo-americana indiferente ou pretensamente imune às muitas críticas de Ernst Badian aos apontamentos de William Tarn, a incorporar quase tudo o que dizia Plutarco. A predileção desses historiadores pelo relato de Plutarco, ao invés da problematização dos relatos conflitantes e fragmentários sobre o rei, é ululante e nada arbitrária.

Esta mesma tradição acadêmica é, ainda, herdeira da literatura alemã sobre Alexandre dos finais do séc. XIX e do início do séc. XX, cuja descendência da filosofia da história de Hegel tornou a admiração de Alexandre, uma perspectiva historiográfica irresistível. No séc. XIX, particularmente, procurava-se insistentemente aprender dos gregos e romanos (e não com eles, como se propõe atualmente na modernização dos estudos clássicos)³, fomentando-se, assim, uma

3 Um dos exemplos mais “comerciais” dessa virada historiográfica é Beard (2013 e 2017). Na primeira referência, destaca-se a provocativa e acessível introdução intitulada “Introduction: Do Classics have a future?”.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

espécie de obsessão identitária com europeus do passado clássico. Tal empresa era dirigida por uma elite intelectual pedante, propositalmente inacessível e reclusa. Isto explica, por fim, o momento em que historiadores começaram a se dedicar mais aos procedimentos de investigação das suas fontes históricas para a elaboração de narrativas sobre o “passado glorioso” das nações europeias. Quando são reconhecidos esses elementos gradualmente incrustados em parte da produção historiográfica sobre Alexandre, pode-se avançar rumo à leitura do conteúdo encontrado nos relatos antigos de uma perspectiva diferente, mais atual, contribuindo, assim, para o aprofundamento do debate acadêmico sobre a interação entre Aristóteles e Alexandre.

Referências

- ARRIANO. *Anabasis of Alexander, Volume II: Books 5-7. Indica*. Trad. P.A. Brunt. Loeb Classical Library 269. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.
- BEARD, Mary. *Confronting the Classics: Traditions, Adventures and Innovations*. London: Profile, 2013.
- _____. SPQR: uma história da Roma Antiga. Trad. L.R. Gil. São Paulo: Planeta, 2017.
- BERVE, Helmut. *Das Alexanderreich auf prosopographischen Grundlage*. Munich: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1926.
- BOS, Anthony Preus. *Cosmic and meta-cosmic theology in Aristotle's lost dialogues*. Leiden: Brill, 1989.
- BOSWORTH, Albert Brian. Onesicritus, of Astypalaea. *Oxford Classical Dictionary*.
<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-4558>.
- DIODORO SÍCULO. *Library of History, Volume IV: Books 9-12.40*. Trad. C.H. Oldfather. Loeb Classical Library 375. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1946.
- _____. *Library of History, Volume VII: Books 15.20-16.65*. Trad. C.L. Sherman. Loeb Classical Library 389. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1952.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers, Volume I: Books 1-5*. Trad. R. D. Hicks. Loeb Classical Library 184. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.
- GREEN, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: a historical biography*. 2ª ed. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2013 [1ª ed. 1991].
- HEGEL, Georg. *The Philosophy of History*. Trad. J. Sibree. Mineola, NY: Dover, 1956.
- JUSTINO. *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Trad. J.C. Yardley Society for Classical Studies Classical Resources, n. 3. Atlanta, GA: Scholars Press, 1994.
- KAERST, Julius. *Geschichte des Hellenismus*. 3ª ed. Leipzig-Berlin: Teubner, 1927.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. É possível mensurar a influência de Aristóteles sobre Alexandre, o Grande? Fontes antigas e historiadores modernos entre especulação e crítica histórica

KALDELLIS, Anthony. The Discontinuous History of Imperial Panegyric in Byzantium and its Reinvention by Michael Psellos. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 59, p. 693-713 2019.

LANE FOX, Robin. *Alexander the Great*. 2ª ed. London: Penguin, 2004 [1ª ed. 1973].

MARTIN, Thomas; Blackwell, Christopher. *Alexander the Great: the story of an ancient life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MELAMED, Abraham. The myth of the Jewish origins of philosophy in the Renaissance: from Aristotle to Plato. *Jewish History*, 26, p. 41-59, 2012.

NATALI, Carlo. *Aristotle: his Life and School*. Ed. D.S. Hutchinson. Princeton: Princeton University Press, 2013 [1ª ed. 1990].

PLUTARCO. *Lives, Volume VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar*. Trad. B. Perrin. Loeb Classical Library 99. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

_____. *Vidas paralelas. Quarto volume. Alexandre*. Trad. G. Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992.

RADET, Georges. *Alexandre le Grand*. Paris: L'Artisan du Livre, 1931.

SANT'ANNA, Henrique Modanez. *A fabricação de Alexandre Magno: habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2021.

SHIELDS, Christopher. "Aristotle". Ed. E.N. Zalta, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2020. URL: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/aristotle/>>.

STEWART, Andrew. *Faces of Power: Alexander's Image and Hellenistic Politics*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1994.

TARN, William. *Alexander the Great*. Boston: Beacon Press, 1956 [1ª ed. 1948].

WADDINGTON, C. Quelques points à éclaircir dans la vie d'Aristote, *Annales de Philosophie Chrétienne*, 28, n.p., 1893.